

ARTICULAÇÕES AGROECOLÓGICAS PARA UM CONSUMO CONSCIENTE: um estudo das hortas urbanas particulares de Pinhais/PR

Glaucia Pereira do Nascimento¹
Heloisa Bittencourt Menon²

RESUMO

A agricultura no meio urbano quando associado a agroecologia desempenha uma importante função em suprir demandas alimentícias desprovido de agentes deletérios para a saúde humana e para a preservação do meio ambiente. E partindo do pressuposto em que a soberania alimentar contribui para autonomia familiar na produção de alguns alimentos com a garantia de que sejam de qualidade descartando pesticidas e seus derivados que a prefeitura de Pinhais desenvolve o programa Horta no Quintal de Casa. Nesse estudo será relatado o funcionamento dessa política pública e quais impactos se é dado no contexto social, se em prática ele é coeso com os postulados pelo qual o projeto foi estruturado.

Palavras chaves: Hortas urbanas; agroecologia; soberania alimentar.

INTRODUÇÃO:

O intenso processo de urbanização propiciou mudanças profundas na alimentação de grande parte da população brasileira. No cotidiano das cidades, existem excessivos produtos industrializados consumidos de forma acelerada e as pessoas acabam por não levar em conta os alimentos saudáveis.

Os alimentos industrializados, em sua maioria, não proporcionam uma melhor qualidade de vida para as pessoas, pelo contrário, são cada vez menos nutritivos, cheios de insumos químicos, afetando a saúde dos consumidores.

Somado a isso, muitas cidades não apresentam uma produção significativa de alimentos e são essencialmente dependentes externamente do abastecimento de produtos de origem vegetal e animal. Essa homogeneização industrial no espaço urbano ameaça muitas vezes as possibilidades de sobrevivência de atividades agrícolas e alternativas mais sustentáveis

. Diante desse contexto, em várias cidades brasileiras a agricultura urbana agroecológica vem emergindo e tem sido utilizada para diminuir problemas urbanos, em especial, na melhoria das condições alimentares e nutricionais, visto que, essa prática

proporciona as pessoas produzirem alimentos saudáveis para si próprias, estabelecendo um outro tipo de relação com o ambiente e a saúde.

Segundo um estudo do Estado do Mundo - Inovações que Nutrem o Planeta, da *Worldwatch Institute* (WWI), instituto de pesquisa sobre questões ambientais, em 2011 identificaram que as hortas urbanas produzem entre 15% a 20% dos alimentos produzidos no mundo e reúnem, atualmente, em torno de 800 milhões de agricultores urbanos¹.

Com base nisso, o presente trabalho objetiva discutir sobre as possíveis contribuições da Agricultura Urbana, em especial as hortas, para uma segurança alimentar e nutricional. Para isso, é apresentada a experiência do projeto Horta no Quintal de Casa localizado na cidade de Pinhais no Estado do Paraná.

Com base nesta apresentação, a próxima seção traz uma breve reflexão sobre o significado de segurança alimentar e da Agricultura Urbana agroecológica, em seguida, abordaremos a formação de hortas com o cultivo de alimentos em sistemas de produção orgânica e de base agroecológica e por fim uma análise da experiência do Projeto Horta no Quintal de Casa.

A partir de entrevistas orais semiestruturadas com os representantes do projeto e algumas famílias que acessam o Programa, visamos compreender a efetividade das hortas urbanas na promoção e garantia da segurança alimentar e nutricional, dialogar sobre as percepções e impactos do projeto em suas condições de vida.

Segurança Alimentar e Agricultura Urbana:

No Brasil, a segurança alimentar e nutricional (SAN) é definida na lei como a garantia de acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais e que respeitem a diversidade cultural, sendo ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (BRASIL, 2006).

Segundo Maluf (2009), a segurança alimentar também contempla a soberania alimentar, ou seja, o direito de cada nação a manter e desenvolver os seus alimentos, tendo vista a diversidade cultural e produtiva, para além da base mercantil. Maluf destaca:

¹REDE BRASIL ATUAL. Hortas urbanas produzem 20% dos alimentos consumidos no mundo. Disponível: <http://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2017/03/hortas-urbanas-produzem-20-de-todo-o-alimento-produzido-no-mundo> Acessado em: 03/09/2017

[...] Vemos que a promoção da SAN requer o exercício soberano de políticas relacionadas com os alimentos e à alimentação que se sobreponham à lógica mercantil estrita –isto é, à regulação privada –e incorporem a perspectiva do direito humano à alimentação. Deste modo se estabelece a conexão entre um objetivo de ações e políticas públicas (SAN) e um princípio (soberania alimentar) que o qualifica (MALUF, 2009, p. 22).

Deste modo, segurança alimentar e nutricional não se resume apenas a uma questão produtivista igual se apresenta em alguns discursos, mas envolve, portanto, a disponibilidade e acesso dos alimentos, mas também a qualidades destes. Todos os cidadãos tem o direito de consumir alimentos seguros, que contemplem suas necessidades nutricionais, seus hábitos alimentares e culturais e que promovam sua saúde, prevenindo desta maneira de doenças relacionadas à alimentação (MALUF, 2007).

Nessa perspectiva, as experiências da implantação de agriculturas urbanas tem sido um importante instrumento para a segurança alimentar em diversas cidades do Brasil. Cada vez mais a agricultura urbana está se tornando um grande atrativo, tanto para a população citadina quanto para o poder público responsável pela elaboração de políticas, visto que, a agricultura urbana contribui para promover a alimentação de famílias e cidades mais produtivas. (FAO, 1999).

Concordamos com a definição de Mougeot (2000) que a agricultura urbana não se resume a produção de alimentos de origem animal e vegetal na cidade, mas é abarca também uma integração com o sistema urbano (social econômico e ambiental). Segundo Mougeot (2000), a agricultura urbana:

é a praticada dentro (intra-urbana) ou na periferia (periurbana) dos centros urbanos (sejam eles pequenas localidades, cidades ou até megalópoles), onde cultiva, produz, cria, processa e distribui uma variedade de produtos alimentícios e não alimentícios, (re)utiliza largamente os recursos humanos e materiais e os produtos e serviços encontrados dentro e em torno da área urbana, e, por sua vez, oferece recursos humanos e materiais, produtos e serviços para essa mesma área urbana (MOUGEOT, 2000, p.7)

Portanto, existe uma diversidade de agricultura urbana pelo território, cada uma possui suas especificidades que variam conforme a sua escala, sistema de produção, característica locacional, os produtos e sua destinação e também os tipos de atividades econômicas.

Concordando Mougeot, os autores Santandreu e Lovo (2007), discorrem que a agricultura urbana é multidimensional, os produtos agrícolas podem ser voltados para doações, trocas, autoconsumo ou comercialização, assim como, podem ser distintas em

relação à produção, transformação e prestação de serviços. Os autores destacam ainda que todos esses processos estão conectados às dinâmicas urbanas e estão “contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população urbana e para a sustentabilidade das cidades” (SANTANDREU; LOVO, 2007, p.13).

A agricultura urbana pode apresentar múltiplas funcionalidades e tem colaborado para tornar as cidades mais produtivas e auto-suficientes (MADALENO, 2002). Dentre as funcionalidades da agricultura urbana, podemos destacar:

[...] direito humano à alimentação (que inclui segurança e soberania alimentar e nutricional), geração de trabalho e renda, sustentabilidade e resiliência das cidades, bens comuns e acesso a recursos como terra e água, contribuição para responder a diferentes crises (alimentar, urbana, financeira, ambiental), planejamento urbano e regeneração ecológica urbana, justiça ambiental, lazer, preservação de biodiversidade no urbano e valorização de conhecimentos ancestrais, dentre tantos outros assuntos que atualmente ganham espaço nos debates públicos sobre AU (CEPAGRO, 2013).

A agricultura urbana é caracterizada por diversas atividades. Podem ser hortas (em quintais de casas, escolas, espaços de cultivos de uso comunitário), cultivo de flores, pomares, criação de pequenos animais, dentre outras variedades de produção de gêneros hortícolas, plantas medicinais, ervas condimentares e espécies de flora originárias de diferentes ecossistemas cultivadas no espaço urbano (CEPAGRO, 2013).

E a categoria que se associa a uma alimentação saudável e de qualidade provém de produções orgânicas, que se dão a partir de práticas agrícolas onde não se utiliza fertilizantes sintéticos, pesticidas, atendendo a demanda de mercado. O que faz parte dos postulados da agroecologia, onde se é prezado a proteção dos recursos naturais a partir de tecnologias não deletérias a natureza, com variedade de culturas agrícolas suprimindo necessidades alimentícias. Assim como é explanado por Aquino e Assis (2007), a agroecologia se dá por baixa dependência de insumos externos e conservação dos recursos naturais, reaproveitando energias e nutrientes para diminuir a perda dos recursos durante os processos produtivos.

Portanto, para que a agricultura urbana se adentre no enredo da saúde que está vinculada a alimentação tanto como na cautela com os recursos naturais onde na cidade são limitados, se recorre ao que a agroecologia fornece. Se permite que a família produza com baixo custo e em escala reduzida, voltada sobretudo ao consumo interno de subsistência, em alguns casos com a comercialização do excedentes. É dessa mescla da agricultura urbana com o sistema agroecológico que se promove segurança ao agricultor urbano, assim como é exposto no trecho a seguir:

(...)responsável por um equilíbrio biológico da natureza, com bons níveis de produtividade, evitando risco de contaminação química para o agricultor urbano e os consumidores, bem como ao meio ambiente. Incorpora avanços da ciência, promovendo a participação criativa dos agricultores, respeitando conhecimentos, culturas e experiências locais. (AQUINO; ASSIS, 2007, pg. 139).

Se a agricultura urbana combinado com a agroecologia proporciona a experiência de sustentabilidade ambiental, autonomia familiar na produção de alguns alimentos e se alia a uma alimentação no qual a saúde não é prejudicada, esse modelo deve ser impulsionado pelas esferas municipais, a partir de incentivos com políticas específicas. O projeto “horta no quintal de casa” é um desses exemplos em que se desenvolveu um trabalho em que hoje é amplamente usufruído pela população local. Em trabalho de campo procuramos observar a influência que um projeto desse cunho exerce sobre o participantes diretos e indiretos de Pinhais.

Materiais e Métodos:

Para a elaboração desse artigo dividimos o nosso trabalho em duas partes: as saídas de campo e leitura de artigos e documentos fornecidos pelos proponentes do projeto.

As saídas de campo foram destinadas a coletas de informações com os facilitadores do programa, onde recebemos também materiais para consulta em que a temática era diversa, desde técnicas de plantio, adubos orgânicos, a cartilhas com reflexão do sentido da soberania alimentar. Nos foi agendado entrevista com famílias cadastradas para que observássemos na prática o programa, com intermédio de questionamentos pertinentes a pesquisa, e as considerações dessa experiência foram utilizados para análise do eixo de discussão do trabalho. Enfim com os materiais resultantes do trabalho de campo e com leituras de artigos, cartilhas, elaboramos a pesquisa em questão.

Projeto Horta no Quinta de Casa- Pinhais PR:

O programa Horta no Quintal de Casa foi implantado no ano de 2009 pela Prefeitura Municipal de Pinhais e o Departamento Municipal de Agricultura e Abastecimento (DEAAB). Esse programa tem como eixo de atuação incentivar a produção e o consumo de alimentos saudáveis, promovendo a segurança alimentar no município de Pinhais, Paraná.

Anteriormente a implantação do projeto, o Departamento de Agricultura e Abastecimento identificou no Município a necessidade de colocar em debate a questão da Soberania, Segurança Alimentar e Nutricional, na medida em que tem o território todo

considerado área urbana e deste modo, não apresentava uma produção significativa de alimentos e era essencialmente dependente externamente do abastecimento de produtos de origem vegetal e animal (CAISAN, 2014).

Deste modo, visando proporcionar uma maior oferta de produção de alimentos, especialmente de origem vegetal, o projeto Horta no Quintal de Casa estimula o uso dos espaços em terrenos residenciais para a produção de alimentos, plantas medicinais e condimentares, através da distribuição de mudas frutíferas, hortaliças, leguminosas para o consumo das famílias.

O público alvo do projeto são as famílias moradoras de Pinhais com renda familiar de até 3 salários mínimos. Para participar, as famílias interessadas precisam realizar uma inscrição nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS).

Na sequência, realiza-se uma capacitação das famílias participantes do projeto. Cada casa recebe um grupo de profissionais do Departamento de Agricultura e Abastecimento para analisar o terreno e dar as orientações para a realização de técnicas de produção agroecológica e orgânica para a horta, bem como as formas de manejo da terra e a aplicação de adubo orgânico.

Dentro do programa existe uma gama de materiais confeccionados como cartilhas, livretos, panfletos que tem como finalidade dar suporte as famílias participantes do projeto como também para divulgação de este para terceiros. Além de materiais específicos que apresenta e detalha o projeto da “Horta no quintal de casa”, também é abordado de forma informacional e formadora tudo sobre agricultura urbana agroecológica, explicando o que significa soberania alimentar e a relação do projeto com isso, como fazer o sistema de compostagem, como construir e otimizar o espaço para um canteiro, o que é diversidade cultivada, quais são os alimentos saudáveis e os malefícios dos ultra processados, tabela com os meses da época para semeadura e plantio de cada cultivo, até dando dicas de como combater insetos e doenças nas plantas.

Há outros materiais que são distribuídos para o público em geral que apresenta plantas alternativas que são salubres a saúde que podem ser acrescentados na alimentação, induzindo ao plantio de esses nas hortas residenciais, assim como é dado alternativas de preparos de receitas que utilizam os alimentos indicados.

Atualmente, aproximadamente 1107 famílias participam do projeto e realizam uma diversidade de plantações em seu quintal. Segundo as informações levantadas junto ao

Departamento Municipal de Agricultura e Abastecimento o número de famílias inscritas no Projeto Horta no Quintal de Casa, desde sua implantação, em 2009, até final de 2016 cresceu progressivamente ²:

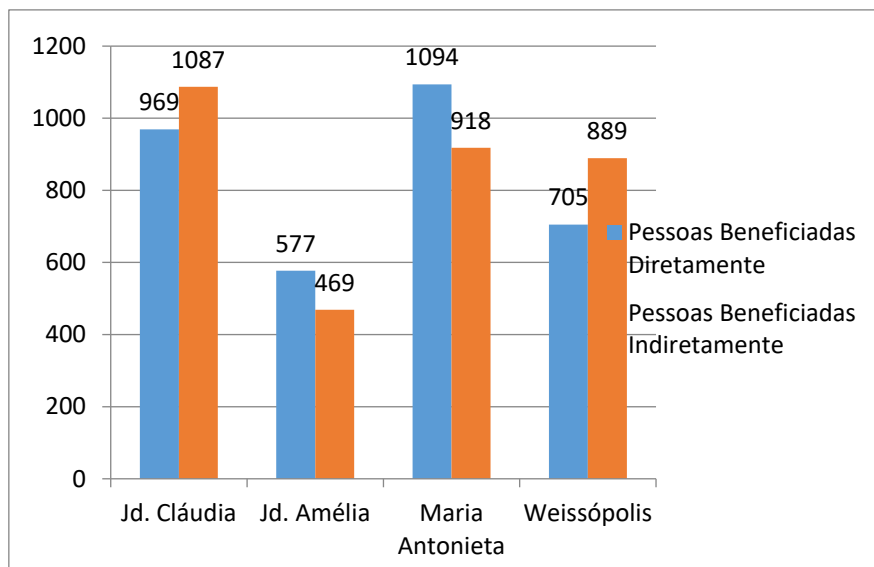
Ano	Famílias
2009	49
2010	289
2011	434
2012	446
2013	553
2014	661
2015	847
2016	1107

Atualmente o projeto atinge aproximadamente 6.708 pessoas, destas, cerca de 3.363 são atingidas indiretamente. Segundo as informações levantadas junto ao Departamento Municipal de Agricultura e Abastecimento (DEAAB), a maioria das famílias não vendem seus cultivos, mas realizam doações para familiares e vizinhos, deste modo, o número de pessoas atingidas pelo projeto aumenta ainda mais³:

Bairro	DIRETAMENTE	INDIRETAMENTE	TOTAL
Jd. Cláudia	969	1.087	2.056
Jd. Amélia	577	469	1.046
Maria Antonieta	1.094	918	2.012
Weissópolis	705	889	1.594
TOTAL	3.345	3.363	6.708

²FROZZA. Ari. Entrevista realizada em: 08/08/2017.

³Idem



Fonte: Departamento Municipal de Agricultura e Abastecimento

A distribuição de mudas para as famílias é diversificada. Algumas das variedades são: alface, quiabo, cebolinha, salsinha, couve, rúcula, beterraba, espinafre, pimentão, almeirão, abobrinha, pepino e tomate. Cada espécie de muda possui uma quantidade máxima a ser oferecida para as famílias.

As famílias são contempladas com duas distribuições ao ano, uma no primeiro semestre e outra no segundo semestre. Abaixo está uma tabela com as quantidades de mudas e espécies para serem entregues por família nesse segundo semestre de 2017, cuja entrega terá início na segunda quinzena do mês de setembro:

Espécies	Quantidade de mudas
Alface crespa	48
Almeirão Pão de Açúcar	24
Escarola	24
Cebolinha	10
Salsinha	10

Rúcula	24
Pepino	06
Tomate Cereja	06
Pimentão	08
Quiabo	08
Berinjela	06
TOTAL	174

Fonte: Departamento Municipal de Agricultura e Abastecimento

O projeto envolve também escolas municipais, centros municipais de educação infantil, demais órgãos públicos e entidades assistenciais que tenham interesse em participar, de forma a articular a comunidade para um trabalhar em conjunto. Essa consciência ambiental transpassa os limites das residências na cidade e abarca outras esferas que se comunicam entre si.

Entrevistas:

Para conhecer o projeto detalhadamente e como ele se confere na prática fizemos nossa visita ao Departamento de Agricultura e Abastecimento, localizado dentro do Armazém da Família em Pinhais. Chegando lá fomos recebidas por um dos responsáveis em administrar o trabalho, o Sr. Ari, que cedeu um pouco de seu tempo para nos explicar o funcionamento do programa. Ele é um dos envolvidos na realização do cadastro das famílias e faz as visitas, entregando as mudas e coordenando as orientações técnicas iniciais para o arranjo da horta.

Nesse campo ele nos explicou todo o processo de cadastro dos beneficiários, como e com quais condições poderia ser feito; o processo de distribuição das mudas e do adubo orgânico; o intuito do programa e qual impacto ele visa ter na saúde coletiva e na soberania alimentar; em geral as informações que já foram expostas acima.

Ficou claro pela fala desse promotor do projeto que o objetivo principal é motivar a comunidade em criar uma cultura de plantio do próprio alimento, com o usufruto de técnica de plantio sem o uso de insumos, para uma alimentação saudável e diversa. Promovendo dessa forma uma segurança alimentar assim como a soberania alimentar da própria família,

menos dependente do que está nos mercados (em geral com agrotóxicos) e mais autossuficiente mesmo em um contexto urbano.

Depois de ter realizado a primeira parte do campo ficou definido com o Sr. Dantas que ele entraria em contato com algumas famílias que se dispusessem em nos conceder uma visita, para que assim pudéssemos observar de que diferentes formas o programa impacta no contexto das famílias cadastradas, se o que é previsto nos objetivos está sendo constatado por esses sujeitos. Além de conhecermos algumas hortas urbanas e partir daí tirar algumas considerações ao levar em conta toda sua potencialidade.

No dia de fazermos as entrevistas, as quais fomos acompanhadas pelo Sr. Ari, nos foi informado que tinham agendado com três famílias. Porém com uma foi desmarcado nos sobrando duas famílias para a entrevista. Fomos recebidas primeiramente pela Dona Paola (1) que participa do projeto desde 2010 e que antes mesmo de se anexar ao projeto já tinha uma horta. Transcrevemos alguns pontos das entrevistas, colocando as perguntas e as respostas correspondentes a cada entrevistada, e ao final com as nossas considerações e análises.

O departamento de abastecimento e agricultura que é o setor promotor do projeto da assistência suficiente?

R: É dá o adubo, depois de um mês que eles entregam o adubo aí eles veem com as plantinhas. E eles sempre trazem os livrinhos¹, e no início eles vieram dar assistência e ensinaram a mexer com o adubo, antes eu não usava. E com o adubo ficou bem melhor. E nos livrinhos mostra as propriedades das plantas coisas que eu nem conhecia, flor que é comestível, quanta coisa que eu pensava que era mato e nos livrinhos explica tudo.

¹Referência as cartilhas distribuídas pela prefeitura com orientações sobre assuntos da agricultora orgânica em geral.

E vocês tem liberdade de escolher as mudas que serão entregues?

R: Não, eles já vem com a lista, eles trazem 40 pés de alface, 30 de almeirão, 15 de cebolinha, mais algumas de salsinha. E quando vou ao mercado eu as vezes compro, como cenoura e rabanete. Mas não é como eles trazem, eles trazem preparadinho em um saquinho. (...)

E a senhora compartilha o que planta com outras pessoas?

R: Eu tendo eu divido. Eu tenho uma sobrinha que fica perguntando “ Quando vai chegar plantinha tia? ”, e ela também gosta de plantar, planta de tudo.

O que esse projeto proporcionou para a senhora?

R: Foi ótimo achei uma maravilha. Aprendi coisas sobre o adubo, antes eu jogava todas coisas da cozinha, mas vi que não pode por coisa cozida, e só pode por coisa crua, folha, batatinha, laranja.

E isso lhe proporciona a senhora uma confiança em estar tendo uma alimentação saudável?

R: Sim eu sinto orgulho, mas tem gente que fala ; Aí grande coisa ficar plantando um pé de alface.

Tem alguma coisa que a senhora aprendeu com o projeto, como por exemplo o manejo do solo?

R: Ah sim, mas tem coisa que o projeto fala que a gente não cumpre bem, porque por metro quadrado tem que por tanto eles explicam, só que a gente economiza. Mas eles explicam direitinho, um dia eles trouxeram adubo e eu jogava na plantinha, só que não pode porque queima a raiz, e eu jogava adubo uns vinte dias antes, trinta, por isso que eles já não trazem as plantinhas junto. Precisa esperar 20 dias ou um mês para plantar. E eu falei uma vez que estava com problema na couve de piolho, aí ele falou para colocar uma garrafa com um líquido dentro e fazer uns buraquinho, aí o bichinho vai ver que tem açúcar ao invés de ele morde as plantas ele vai pra garrafa. Aí que está, com eles nada tem veneno.

Antes da senhora entrar no projeto já plantava alguma coisa?

R: Eu já plantava alface, nunca gostei de plantar tomate, porque aí tem bicho que fura o tomatinho, porque ele dá o bichinho que fura.

Porque a sua família se mudou para a cidade?

R: Faz tantos anos, mais de 50 anos, minha família da Itália, e fomos morar com um tio meu que tinha um sítio, aí meu pai foi morar lá e trabalha como empregado plantando café, cuidava dos gados. Aí fomos morar em Quatiguá, norte Velho, meu pai tinha comprado um

terreninho lá, só que aí ele não trabalhava mais eu uma lavoura, foi trabalhar em um posto de gasolina. Mas mesmo assim plantou uma hortinha, tinha pé de uva.



(Foto da horta da Dona Paola, tirada no dia 16/08)

Na horta da dona Paola identificamos cultivos de: alecrim, alface, morango, café, chuchu, uva, jabuticaba, mandioca, ervilha, erva cidreira, limão, couve, brócolis, arruda, salsinha, cebolinha, coentro, berinjela.

A segunda entrevista foi realizada na casa da Dona Doraci que também está cadastrada no projeto desde 2010.

Porque vocês decidiram participar do projeto?

R: Uma curiosidade, eu sempre gostei de lidar com a terra, aprendi com a minha mãe do jeito que a gente sabe e sempre tive curiosidade porque a minha mãe plantava na beira do rio, eles faziam roça e plantavam de tudo, verdura, milho, feijão, aipim, todas essas coisas eles plantavam. Antigamente a frente da casa era diferente, tudo era cebola que eu plantava, alho. Eu aprendi com os meus pais.

Vocês vieram do interior?

R: Eu nasci em São José dos Pinhais, e meus pais eram do interior, mas depois que casaram também vieram embora para cá, plantaram a vida inteira aqui.

O projeto impactou na renda de vocês de alguma forma, chegaram a vender algum excedente?

R: Não, antes desse projeto deles aí a gente já plantava, a gente sempre gosto de planta, e eu acho que é uma terapia, um passatempo, é tão gostoso você ir ali e colher, é tão gratificante passar isso para os netos. Hoje em dia se cria em um lugar que nem conhece a criação. Nós plantávamos no rio de tudo e as vezes minha mãe vendia alguma coisa, minha mãe vendia eu não. Quando a gente vê que é demais pra gente a gente da pra um, da pros filhos, pra vende não acho que não vale a pena

Vocês plantam todas as mudas que eles trazem?

R: O que eles deixam a gente planta todas, eles deixam um pouquinho de cada um, eles não deixam muito, mas aí que já plantei berinjela que já colhi bastante, quiabo, abobrinha, pepino, várias coisas.

O projeto trouxe algum impacto positivo para vocês, do que era antes e o que é agora, por exemplo, agora com o fornecimento do adubo orgânico?

R: Deu porque a gente mistura na terra né? Preparamos a terra para depois plantar, e vai adubando mais terra. Da uma melhora no solo.

A prefeitura da alguma assistência de como, por exemplo, manejar a terra?

R: Eles só falam o que tem que misturar. No começo quando a gente começou eles deram esse livrinho, eles deram outro panfleto para a gente ver como fazia né.

Tem alguma coisa no projeto que vocês acham que poderia melhorar?

R: Para nós está bom. O que eles trazem a gente planta o que eles não traze, a gente compra.



(Foto tirada da horta da Dona Doraci no dia 16/08).

Resultados:

Nos casos analisados, e outros a partir de informações que nos foram passada pelos divulgadores e promotores do projeto, foi possível fazer algumas considerações sobre de que forma a aplicação do sistema agroecológico aliado ao incentivo das instâncias públicas pode impactar de forma positiva em um município essencialmente urbano.

O cultivo das hortas não são necessariamente provedores de renda adicional, mas proporcionam uma economia na medida em que alguns alimentos deixam de ser comprados nos mercados, reduzindo portanto os custos.

A partir da entrevista, identificou-se que todos os entrevistados possuem vínculo dos antepassados com o campo. A horta é uma tradição das famílias realizadas especialmente por pessoas de mais idade, desse modo, a prática agrícola também acaba por contribuir para a saúde física e mental. Isso é resultante de um panorama onde a Região Metropolitana de Curitiba foi um dos eixos que mais recebeu migrantes provindos das transformações no campo, assim como é exposto no site da prefeitura de Pinhais:

O fator preponderante para o contínuo aumento das taxas de migração rumo à RMC foi o êxodo rural. Esse adensamento populacional situou a RMC entre as três RMs de maior crescimento no país durante a década de 70. O Paraná acabou por esgotar sua fronteira agrícola, processo que se iniciou na década de 1960 e que associou-se a uma intensa modernização da agricultura (mecanização do trabalho e crescente uso de defensivos). (Site da Prefeitura de Pinhais).

As famílias relataram também que o projeto proporcionou uma maior integração com a vizinhança, visto que, as famílias compartilham entre si os produtos e sementes derivados da horta, denotando impactos indiretos de pessoas que não são cadastradas no programa. Dessa maneira contribuindo para os avanços da inserção de uma agricultura essencialmente

autossuficiente e saudável em uma região urbana acentuadamente industrial. (Site da prefeitura de Pinhais).

Portanto, a agricultura urbana agroecológica contempla uma diversidade de aspectos, desde disponibilidade de alimentos de qualidade, garantindo a segurança alimentar, até impactos positivos na área ambiental e da saúde.

Se nota o esforço dos proponentes do projeto em não somente dar o suporte com a distribuição de mudas e insumos, mas também em dar uma orientação para que os beneficiários usufruam e apliquem toda as potencialidades da agricultura orgânica. A partir de dicas e instruções para conseguirem driblar os desafios que podem ocasionalmente ocorrer, e aplicarem soluções sustentáveis e seguras próprias de agroecologia que em situações da agricultura empresarial seriam aplicadas agrotóxicos com impactos ambientais e na saúde dos usuários.

Em uma situação que, um município é estritamente urbano, como no caso de Pinhais, é imprescindível pensar em políticas voltadas a segurança alimentar, pois quanto mais afastado do campo menos contato o sujeito urbano possui com a agricultura. E mais se torna dependente dos abastecimentos dos mercados locais para obter seu próprio alimento, sujeitando-se a compra de alimentos que não possui a mesma qualidade daqueles que plantamos nós mesmo aliado a métodos orgânicos.

Tomando como referência o projeto “Horta no quintal de casa” no município de Pinhais que cumpre uma função de reeducação alimentar pois disponibiliza a população mais desfavorecida economicamente (essa afirmação é baseada em que o cadastro só pode ser feito por famílias) a alternativa de plantio de alimentos orgânicos, proporcionando segurança a saúde dessas famílias. E o objetivo não somente se restringe a isso, mas também é uma forma de transformar a dinâmica de que separa urbano/rural, reinserindo práticas de plantio do próprio alimento em um contexto onde essa prática não é absorvida e desenvolvida pelos mais jovens e limita-se aos mais velhos que um dia estiveram ligados ao campo.





Fonte: prefeitura de Pinhais

Conclusão:

O trabalho explorou as possíveis contribuições da agricultura urbana e, mais especificamente, as hortas urbanas. Visando uma segurança alimentar, diversas experiências com agricultura urbana vem emergindo nas cidades.

O projeto Horta no Quintal de Casa do município de Pinhais, PR, apresentou-se benéfico entre os mais diversos aspectos, especialmente no que diz a segurança alimentar. A partir do programa, constatou-se que as famílias passaram a ter acesso aos alimentos orgânicos produzidos nas hortas, melhorando a qualidade alimentar e nutricional de toda a família. A prática da agricultura urbana, com grande incentivo à produção agroecológica do programa, auxilia no combate a doenças provenientes da alimentação.

Desta forma, acreditamos ser fundamental ações do poder público para a promoção da segurança alimentar. Infelizmente grande parte dos planos dos municípios não trazem ações específicas para agricultura, deste modo, a realização de práticas agrícolas, ainda por cima agroecológicas, torna-se um grande desafio nas cidades.

Referências Bibliográficas

- ALVES, A. F. CARRIJO, B. R. CANDIOTTO, L. Z. P. [org.]. **Desenvolvimento Territorial e agroecologia**. 1º edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008
- CEPAGRO. **Agricultura Urbana. Hortas e tratamento de resíduos orgânicos**. Florianópolis, 2013.
- MALUF, R. S. J. **Definindo segurança alimentar e nutricional**. In: **Segurança alimentar e nutricional**. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.
- MOUGEOT, Luc. **Agricultura Urbana: conceito e definição**. **Revista de agricultura Urbana**, nº 1. Lima: IPES – Promoción de Desarrollo Sostenible, 2000. Disponível em <http://www.ipes.org/au/pdfs/raup1/2_AU1conceitodefi.pdf>. Acesso em 28/08/2017.
- MADALENO, I. R. **A cidade das mangueiras: agricultura urbana em Belém do Pará**. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002
- HENRIQUES, Diego. **Agricultura Urbana e segurança alimentar**. Revista multidisciplinar da uniesp. Saber acadêmico - n ° 11 - Jun. 2011. Disponível em: <http://www.uniesp.provisorio.ws/revista/revista11/pdf/artigos/15.pdf> Acesso em: 02/09/2017.
- SANTANDREU, A.; LOVO, I.C. **Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção: Identificação e caracterização de iniciativas de AUP em Regiões Metropolitanas Brasileiras**. DOCUMENTO REFERENCIAL GERAL: Versão Final. Belo Horizonte, 2007, 89p.

AQUINO e ASSIS, Adriana Maria e Renato Linhares. **Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia.** Campinas, jan-jun 2007.

PREFEITURA DE PINHAIS. Disponível em:

<http://www.pinhais.pr.gov.br/historia/FreeComponent830content11742.shtml>. Acessado em: 10/09/2017.